

O mistério como fundamento da experiência litúrgico-espiritual da Igreja na Constituição litúrgica do CV II

Anderson Moura Amorim¹

Resumo: O Concílio Vaticano II é o marco referencial para a Teologia Católica no início do terceiro milênio. A constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a liturgia teve o encargo de posicionar conceitos nucleares no tocante à liturgia e à experiência espiritual do povo de Deus. Um desses – o mais fundamental da teologia litúrgica e do qual todos os outros conceitos dependem e se relacionam – é o conceito de mistério. Assim sendo, a proposta deste artigo é estudar tal conceito na referida Constituição para a compreensão da natureza da liturgia e, consequentemente, da vida espiritual da Igreja. A fim de alcançar o objetivo do trabalho desenvolvemos nossa pesquisa em três momentos: Conceito de mistério na *Sacrosanctum Concilium*; Características da espiritualidade litúrgica; A espiritualidade litúrgica como uma “mística sacramental”. Do ponto de vista metodológico, será feita uma pesquisa bibliográfica. A liturgia cristã, em todo o seu conjunto é a efetivação do mistério salvífico de Cristo. Sendo assim, todo o corpus litúrgico tem sua natureza mística e goza de máxima importância na vida da Igreja e dos fiéis. Acreditamos que o resultado de nossa pesquisa sobre o mistério salvífico cristão possa contribuir na evangelização eclesial ajudando as ações pastorais a serem mais efetivas.

Palavras- Chave: Mistério. Espiritualidade litúrgica. Mística sacramental.

INTRODUÇÃO

A liturgia, enquanto *mysterion*, é o lugar no qual Cristo, em toda a sua vida e obra, torna-se presente para unir-se intimamente a todos os membros de sua Igreja e torná-los “participantes da natureza divina” (2Pd 1,4). Assim sendo, constata que a liturgia possui um papel determinante no que diz respeito a essa “participação”, uma vez que nela subjaz uma “economia sacramental”, particularmente no que se refere ao papel dos sacramentos do batismo e da eucaristia.

Ativado pelo convite de Deus - o da participação em sua vida de comunhão - o cristão é instigado a respondê-lo livremente, a ele aderindo em forma de resposta cultural. Ora, o culto divino, como “espaço místico” por excelência na existência cristã, vem a ser um “misterioso sinal”, a partir do qual torna-se possível a concretização de um projeto de comunhão, que diz respeito tanto a Deus quanto ao homem.

Nosso trabalho intenta, pois, perquirir a temática do mistério, delimitando-o à experiência litúrgica-espiritual da Igreja a partir das considerações teológicas da Constituição Dogmática da *Sacrosanctum Concilium*. Assim, nosso estudo gravita em torno da experiência litúrgico-espiritual da Igreja como *locus* privilegiado do mistério de Deus.

1 Mestre em Teologia (UNICAP). E-mail: christo.moura@hotmail.com

1 CONCEITO DE MISTÉRIO NA SACROSANCTUM CONCILIUM

Um dos resgates mais fecundos realizado pelo Concílio Vaticano II, certamente devido ao Movimento Litúrgico, foi a reafirmação do tema da espiritualidade litúrgica como o eixo e âmago da vida da Igreja (SC, n. 10). Na célebre Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium*, tendo como contexto a teologia da revelação, e, mais precisamente, a ótica histórica salvífica, resgata a dimensão econômico-salvífica da revelação na liturgia, a partir do conceito de mistério.

A Constituição Litúrgica *Sacrosanctum Concilium* fundamentada na teologia bíblica e na teologia litúrgica dos Padres da Igreja, realiza uma leitura do mistério da liturgia no contexto mais amplo de toda a história da salvação - a esse respeito basta conferir o capítulo primeiro, especialmente, nos artigos segundo (Cristo e mistério), quinto (salvação e mistério) e sexto (liturgia e mistério) da Constituição, quando o documento trata da natureza da liturgia e de sua importância na vida da Igreja.

O termo mistério na Constituição litúrgica (e, conseqüentemente, na teologia do Concílio Vaticano II) se encontra, em linhas gerais, no seu proêmio, no artigo segundo:

A liturgia, pela qual, especialmente no sacrifício eucarístico, se opera o fruto da nossa Redenção, contribui em sumo grau para que os fiéis expressem na vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja, que é simultaneamente humana e divina, visível e dotada de elementos invisíveis, empenhada na ação e dada à contemplação, presente no mundo e, todavia, peregrina, mas de forma que o que nela é humano se deve ordenar e subordinar ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação, e o presente à cidade futura que buscamos. A Liturgia, ao mesmo tempo que edifica os que estão na Igreja em templo santo no Senhor, em morada de Deus no Espírito, até à medida da idade da plenitude de Cristo, robustece de modo admirável as suas energias para pregar Cristo e mostra a Igreja aos que estão fora, como sinal erguido entre as nações, para reunir à sua sombra os filhos de Deus dispersos, até que haja um só rebanho e um só pastor (SC, n. 2).

A liturgia, conforme a Constituição do Vaticano II, está associada à obra da redenção realizada por Cristo e a dimensão escatológica da verdadeira Igreja. Através da potência do Espírito Santo, enviado aos apóstolos no dia de Pentecostes, o Senhor Jesus, continua presente e atuante em sua Igreja, através das ações litúrgicas, particularmente na celebração do mistério pascal da sua paixão e glorificação, a obra da salvação, cumprindo a promessa de estar permanentemente com a sua Igreja até a consumação dos séculos (Mt 28,20).

O Padres conciliares explicam o mistério de Cristo (*mysterium Christi*) e a autêntica natureza da verdadeira Igreja (*genuinam verae ecclesiae naturam*) nas celebrações litúrgicas,

a partir da semântica bíblico-patristica de *mysterion*. A teologia bíblica do mistério está relacionada com a revelação que Deus faz de si e de sua vontade, através da vida de Jesus Cristo, na comunicação do Espírito Santo, aos que se abrem ao dom da fé. Este processo epifânico começa na Primeira Aliança, encontra seu clímax na concentração cristológica, se prolonga na comunidade eclesial e culmina nos tempos escatológicos. O *mysterion* bíblico é a identidade e a vontade de Deus manifestados em Jesus.

A teologia bíblica do mistério vai ser desenvolvida pelos Padres da Igreja para explicar a presença e atuação do Senhor na Igreja e nos cristãos a partir da expressão paulina “o mistério é Cristo em vós” (Cl 1,27) (BOUYER, 1998, pp. 87-201). A salvação, concretizada em Jesus e comunicada pelo Espírito divino, pervade o tempo histórico, através da Igreja, quando ela se reúne para ler a Escritura e celebrar os sacramentos, a fim de se prolongar na vida dos seus fiéis e, por meio deles, na de todos os homens e até mesmo na do cosmos. Neste sentido, a vivência eclesial (experiência salvífica mediada por palavra e rito) se torna a base para a espiritualidade – entendida como vivência do mistério de Cristo (SPIDLIK, 2002, pp. 946-947).

Os artigos quinto e sexto da Constituição litúrgica do CVII estão intrinsecamente embebidos da teologia bíblico-patristica desenvolvida nos anos anteriores ao Concílio pelos movimentos bíblico, patristico, litúrgico e ecumênico. De tal sorte que, em sua linguagem sintética, portam uma profunda e amadurecida reflexão teológica.

O artigo quinto da Constituição litúrgica assim se expressa:

Deus, que quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade, tendo falado outrora muitas vezes e de muitos modos aos nossos pais pelos profetas, quando chegou a plenitude dos tempos, enviou o Seu Filho, Verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santo, a evangelizar os pobres, curar os contritos de coração, como médico da carne e do espírito, mediador entre Deus e os homens. A sua humanidade foi, na unidade da pessoa do Verbo, o instrumento da nossa salvação. Por isso, em Cristo se realizou plenamente a nossa reconciliação e se nos deu a plenitude do culto divino.

Esta obra da redenção dos homens e da glorificação perfeita de Deus, prefigurada pelas suas grandes obras no povo da Antiga Aliança, realizou-a Cristo Senhor, principalmente pelo mistério pascal da sua bem-aventurada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão, em que morrendo destruiu a nossa morte e ressurgindo restaurou a nossa vida. Foi do lado de Cristo adormecido na cruz que nasceu o sacramento admirável de toda a Igreja (SC, n. 5).

O tema central do artigo quinto é a história da salvação que chega o seu cume de maneira única e definitiva em Cristo. Os Padres conciliares, penetrados pela teologia

bíblico-patristica explica que antes de ser rito e forma, a liturgia é revelação e momento da história da salvação – comunicação do mistério. Ou seja, nele, Deus Pai salvador, envia seu Filho, encarnando-o e ungindo sua humanidade, para efetivar o diálogo com os homens. O ápice dessa comunicação está no mistério pascal de Cristo. Nele, como um vértice, se concentram as ações retroativas soteriológicas – a criação, a Primeira Aliança e a presença e o ministério do Senhor e se dilata, pró-ativamente, na comunidade eclesial e nos tempos escatológicos (BOROBIO, 1990, p. 303).

O mistério pascal é o ponto de ligação da reflexão entre os artigos quinto e sexto. Primeiramente, os Padres revelaram a concentração soteriológica comunicativa do mistério da morte e ressurreição do Senhor, como ponto máximo das intervenções divinas. Diante disso, o mistério pascal será o fundamento da vida e da missão da Igreja. Desta forma, ambos artigos possuem uma unidade temática intrínseca, senão pelo qual seria impossível interpretar um sem a menção do outro.

Em suma, os Padres conciliares desenvolveram, verdadeiramente, uma teologia litúrgica cuja linha mestra é a teologia do mistério. A teologia do mistério desenvolvida na SC 2, 5 e 6 é condição *sine qua non* para interpretar os artigos subsequentes. Neles o que temos, na verdade, é a aplicação desses princípios teológicos-litúrgicos gerais às realidades celebrativo-cultuais específicas.

2 CARACTERÍSTICAS DA ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA

A espiritualidade litúrgica, por sua natureza, quer ser um processo plasmático que, gradativamente, conduz o homem à meta daquilo que é a essência da vida cristã: viver em Cristo por meio de uma vida segundo o Espírito (Gl 2,20; 5,16). Em vista de tal escopo, a experiência cristã brota dos sacramentos celebrados e neles se alicerça e se desenvolve.

Augé, apresentando os traços da espiritualidade litúrgica, assevera que, ao falar-se de liturgia, está referindo-se ao momento celebrativo e mistagógico, portanto, do mistério. Segundo o autor, a celebração litúrgica é “[...] um ambiente concreto de experiência espiritual cristã, uma espiritualidade concreta [...]” (AUGÉ, 1996, p. 339). Assim, é no ambiente concreto e na forma ordinária da celebração litúrgica que o cristão aure a espiritualidade, a ressignifica e alimenta. Por fim assevera Augé: “[...] a experiência espiritual cristã não pode considerar a celebração nem como estrutura facultativa, nem como estrutura intermediária, mas sim como um momento que alicerça, gerador da própria experiência” (AUGÉ, 1996, p. 339).

A experiência espiritual cristã encontra ordinariamente na Liturgia a referência, as balizas, a fonte e o cume de sua realização. Esta contudo, não é uma experiência ritualista, mas uma celebração preme do mistério – o próprio Deus. Esta experiência espiritual litúrgica não se prende na celebração mas transborda na vida. Cabe muito bem a compreensão antiga da *lex orandi*, *lex credendi*, e da *lex vivendi*.

Marsile, em sua obra *I segni del mistero di Cristo* (MARSILI, 1987, p. 505), assevera que a Liturgia como “o ponto mais alto para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte da qual procede toda a sua força” (SC, n. 10), somente dela poderia aurir a Igreja sua espiritualidade.

Assim sendo, constatamos que liturgia manifesta a Espiritualidade própria da Igreja e “[...] pertence de fato ao tesouro comum da vida espiritual cristã” (AUGÉ, 1996 p. 347). Para Augé, as características fundantes que tocam os aspectos da Espiritualidade Litúrgico-Eclesial são: a espiritualidade bíblica, cristológica, eclesial e mistagógico-pascal.

A espiritualidade litúrgica é eminentemente bíblica, e precisamente porque bíblica, é histórico-profética; é sensível a Revelação de Deus que se realiza na história humana, tornando-a *Historia Salutis*. O Mistério de Cristo continua a atuar no *hodie* da sacramentalidade da Igreja, pois, receptora do agir salvífico de Cristo, a Igreja (BERGAMINI, 1994, p. 35) é sacramento universal de salvação, principalmente quando na assembleia litúrgica se faz a *anmaneses* da morte e Ressurreição de Cristo na leitura proclamativa das Sagradas Escrituras.

A Palavra de Deus, proclamada na ação litúrgica, deixa de ser uma palavra consignada por escrito para tornar-se uma Palavra de anúncio-realização, pois esta Palavra é sacramentalmente realizada na Liturgia pelo Espírito Santo, no *hodie* litúrgico-salvífico.

Além da dimensão bíblica, a espiritualidade litúrgica é trinitária. Ao afirmar que a espiritualidade litúrgica possui uma dimensão trinitária, significa dizer que ela é teocêntrica, cristológica e pneumática. Esta dimensão trinitária da espiritualidade litúrgica só é devidamente compreendida se não perdermos de vista o seu aspecto econômico-salvífico (GRANADO, 1982, p. 43).

Segundo a mais antiga práxis da Igreja - e aqui pensamos de modo particular na teologia dos Padres da Igreja - a dimensão trinitária da espiritualidade litúrgica se expressa, em âmbito cultural, pela fórmula: *per Filium in Spiritu Sancto ad Patrem* (“pelo Filho, no Espírito ao Pai”). Com isso, a celebração cristã é toda convergente “ao” Pai, “por” Cristo, “no” Espírito Santo; através do Filho (VALENTINO, 1990, pp. 258-259). Assim, a liturgia, em sua ontologia, outra coisa não é senão a celebração-atuação do desígnio de Deus realizado pelo “Mistério-Cristo”, “no” e “por” obra do Espírito Santo. Aquiles Triacca afirma:

Se a celebração litúrgica não for sinal do Espírito, ela nada será. Com efeito, a verdadeira essência da ação litúrgica consiste em ser-epifania-do-Espírito Santo. Ora, o Espírito, por meio da Escritura, foi *iconógrafo*, isto é, operou no hagiógrafo a revelação do ícone do Pai, que é Jesus Cristo (cf. 2Cor 4,4; Cl 1,15). Em Maria, ele foi *iconoplasta*, ou seja, é plasmador do próprio ícone (do Verbo). Na ação litúrgica, ele simultaneamente *iconógrafo*, *iconoplasta* e *iconóforo*, isto é, portador do ícone do Pai presencializado e vivificado (TRIACCA, 1993, p. 371).

O Espírito Santo plasma o ícone da Trindade no orante da prece litúrgica levando-o a uma experiência apofática, no sentido de contemplar o Mistério, sem racionalizá-lo com o excesso do discurso teológico.

Por fim, a espiritualidade litúrgica é eclesial – mistagógica. A assembleia litúrgica é epifania da Igreja que se concretiza numa comunidade que, em torno do altar – *Christus altare est* – celebra o Mistério salvífico de Deus. Neste sentido, pode-se chamar a Liturgia de mistagógica, pois epifania o mistério e conduz o orante mistagógicamente ao encontro do Mistério.

Assim, nasce da própria mistagogia litúrgica a Espiritualidade da Igreja, que, ao longo do ano litúrgico, permite-nos experimentar sempre mais profundamente o mistério de Cristo, atualizado sacramentalmente pelas ações litúrgicas nos sacramentos e sacramentais (AUGÉ, 1996, p. 352).

3 A ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA COMO UMA “MÍSTICA SACRAMENTAL”.

O tema da experiência litúrgica está em estreita relação com o da espiritualidade mística sacramental, de tal forma que não podemos falar de uma sem levarmos em consideração a outra. Herdeiros da experiência espiritual da Igreja neotestamentária e patrística, estamos habilitados a afirmar que a espiritualidade da Igreja ou espiritualidade litúrgica é, simultaneamente, cristológica, pneumática e sacramental e, por isso mesmo, “mística”.

O mistério de Cristo encarnado e ressuscitado, sempre vivo e presente pela ação do Espírito Santo, é o conteúdo nuclear das celebrações eclesiais. Nesse sentido o Concílio Vaticano II sugere-nos que o mistério pascal de Cristo, clímax da obra salvífica de Deus, torna-se presente e se atualiza na vida dos crentes, de forma privilegiada, através do culto divino, e isso em forma de celebração e experiência mistérico-sacramental (LG, n. 7; GS, n. 22; SC, n. 5; SC, n. 22).

A liturgia, enquanto *mysterion*, é o lugar no qual Cristo, em toda a sua vida e obra, torna-se presente para unir-se intimamente a todos os membros de sua Igreja e torná-los “participantes da natureza divina” (2Pd 1,4). Sendo essencialmente sacramental, a mística cristã brota, amadurece e se consoma no ambiente vital da liturgia e dos sacramentos, aos quais somos introduzidos desde o momento em que efetivamente passamos a formar o Corpo Sacramental de Cristo.

CONCLUSÃO

Ao propor o mistério da liturgia como “cume” e “fonte” de toda a vida da Igreja e, por conseguinte, da espiritualidade cristã, o Vaticano II, profundamente inspirado na revelação bíblica e na tradição da Igreja, é incisivo em sugerir que se promova em todos os âmbitos da vida eclesial uma verdadeira educação litúrgica dos batizados, a fim de que eles tendam a uma maturidade de fé que se explicita na participação cada vez mais plena e ativa dos mistérios.

Com a teologia pneumática entendemos que a espiritualidade litúrgica, desde os primórdios cristãos, foi experimentada e traduzida na catequese como a espiritualidade da Igreja. Desse modo, a espiritualidade litúrgica, por sua natureza, quer ser um processo plasmático que, gradativamente, conduz o homem à meta daquilo que é a essência da vida cristã: viver em Cristo por meio de uma vida segundo o Espírito (Gl 2,20; 5,16). Em vista de tal escopo, a experiência cristã brota dos sacramentos celebrados e neles se alicerça e se desenvolve.

Como herdeiros de uma experiência e de um testemunho de fé que perpassaram os séculos e que foi resgatada pelo Concílio Vaticano II, cabe-nos aprofundar com seriedade o tema da espiritualidade litúrgica a fim de impedir a esclerose das fórmulas sem vida ou cair num rubricismo improlífero.

ABREVIATURAS E SIGLAS

CVII – Concilio Vaticano II

LG – *Lumen Gentium*

GS – *Gaudium et Spes*

SC - *Sacrosanctum Concilium*

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, M. Liturgia – história, celebração, teologia e espiritualidade. São Paulo: Ave Maria, 1996.
- BERGAMINI, A. Cristo, festa da Igreja – o Ano Litúrgico. São Paulo: Paulinas, 1994.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2006.
- BOUYER, L. *Mysterion. Dal mistero alla mistica*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*. Constituição do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo atual. Petrópolis: Vozes, 1966.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium*. Constituição do Concílio Vaticano II sobre a Igreja. Petrópolis: Vozes, 1966.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium*. Constituição do Concílio Vaticano II sobre a Sagrada Liturgia. Petrópolis: Vozes, 2013.
- MARSILI, S. *I segni del mistero di Cristo*. Teologia liturgica dei sacramenti. Roma. Edizioni Liturgiche, 1987.
- TRIACCA, A. Espírito Santo. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. Dicionário de Liturgia. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 371 (verbete: Espírito Santo).
- VALENTINO, A.M. *L'Esperienza di Dio nei Temi dei Grandi Sacramentari e del Messale Romano di Paolo VI, Dissertatio ad Doctoratum Sacrae Liturgiae Assequendum* in Pontificio Instituto Liturgico, Roma, 1990.

CAPÍTULOS DE LIVRO:

- BOROBIO, D. Da celebração à teologia: O que é um sacramento? In: BOROBIO, D. (Org.). A celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990, v. I, p. 283-424.
- GRANADO, C. *El Don del Espíritu en S.Hilario de Poitiers*. In: Estudios Eclesiásticos 57 (1982), pp. 429-450.

SPIDLIK, T. Mística. In: DI BERNARDINO, A. (Org.). Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 946-947.

TRIACCA, A. Espírito Santo. In: SARTORE, D; TRIACCA, A. M. Dicionário de Liturgia. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 371.